Aula 4

ASPECTOS DA TRANSITIVIDADE VERBAL EM LÍNGUA PORTUGUESA

META

Apresentar questões problemáticas relativas à transitividade verbal pela gramática tradicional; propor novo modelo de transitividade verbal.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Relacionar e comparar os diferentes modelos de classificação dos verbos quanto à transitividade; analisar as funções sintáticas dos complementos verbais; reconhecer as matrizes da transitividade verbal.

PRÉ-REQUISITO:

Manifestações da relação de regência; correspondência; construções oracionais.

Lêda Corrêa

INTRODUÇÃO

Nesta aula, caro aluno, você conhecerá uma nova proposta classificatória dos verbos, quanto a sua transitividade, que é um tipo particular de regência. Para tanto, partiremos da classificação tradicional para que você perceba as questões problemáticas dessa abordagem. Em seguida, serão igualmente questionados os tipos de verbos – transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto, intransitivo e de ligação – tradicionalmente descritos nas gramáticas tradicionais. Com base na descrição gramatical de Mário Perini, você aprenderá um novo sistema de classificação verbal e de tipos de verbos, que difere daquilo que lhe é mais habitual em termos da transitividade dos verbos da língua portuguesa.

PROBLEMAS DA TRANSITIVIDADE VERBAL NA CLASSIFICAÇÃO TRADICIONAL

Você deve ter aprendido na escola que os verbos em português, quanto à transitividade, classificam-se em cinco tipos: transitivos diretos, transitivos indiretos, transitivos diretos e indiretos, intransitivos e de ligação. Contudo, esse sistema classificatório apresenta alguns problemas e, deve ser, portanto, reformulado. Vamos aos problemas da classificação tradicional:

a) Incompletude da definição opositiva entre transitividade e intransitividade verbal → tradicionalmente, define-se o verbo transitivo em oposição ao intransitivo, do seguinte modo: um verbo é transitivo quando exige a presença de um objeto em sua oração, e, por oposição, um verbo é intransitivo quando recusa a presença de um objeto. Embora a definição seja clara, ela não é suficiente para explicar ocorrências previstas pelo sistema da língua portuguesa, no qual há verbos que ora exigem, ora recusam o objeto. Observe alguns exemplos que colocam em xeque a distinção opositiva clássica entre transitivos e intransitivos:

(1) Seu filho já comeu toda a pizza.
(2) Seu filho já comeu.
(3) Seu filho quase não come.

Na frase (1), o verbo *comer* é transitivo, porque aparece com objeto direto (OD), mas em (2) e (3) aparece sem OD. Nesse sentido, opor simplesmente a transitividade à intransitividade não é suficiente para explicar os casos (2) e (3), por exemplo.

As ocorrências frasais (1), (2) e (3) evidenciam que, no sistema de classificação tradicional de verbos transitivos e intransitivos, não há lugar para verbos que podem ocorrer com ou sem OD.

Para solucionar ou, ao menos, minimizar o problema da transitividade de verbos que podem ou não ocorrer com OD, vinculou-se a noção de transitividade ao contexto, gerando, com isso, um esvaziamento dessa noção, uma vez que bastaria afirmar que no contexto de (1) o verbo *comer* é usado transitivamente e, em (2) e (3), intransitivamente. Ser transitivo, segundo Perini (1995), não implica ocorrer com OD, mas exigir a presença de um OD.

Castilho (2010), em contraposição a Perini (1995), defende uma posição vinculada ao contexto, quando afirma que "não há verbos exclusivamente transitivos, nem verbos exclusivamente intransitivos. É o uso na sentença que explicita a decisão tomada pelo falante" (CASTILHO, 2010, p. 263).

Esse autor apresenta também cinco processos de transitividade, com base na proposta de Alarcos Llorach (1968/1970, apud Castilho 2010), nos quais examina as relações entre verbo e seus termos adjacentes pela pronominalização:

1. Implementação: o termo selecionado é comutável por o, como em comer toda a pizza = comê-la;
2. Complementação: o termo selecionado é comutável por lhe, como em escrever à namorada = escrever-lhe;
3. Suplementação: o termo selecionado é comutável por pronome pessoal do caso reto preposicionado, como em falar de negócio = falar dele;
4. Aditamento: o termo adjacente não é pronominalizável, vem normalmente preposicionado por *a, de, com, por, em*, e mostra uma mobilidade maior em sua posição relativa ao verbo do que os implementos e os complementos: vou falar nesta manhã = nesta manhã vou falar;
5. Atribuição: o núcleo verbal, quando constituído de itens tais como *ser, estar, ficar, permanecer,* tem uma comutação bastante limitada, concentrando-se a predicação no termo adjacente, preenchido por sintagma adjetival ou por sintagma preposicionado, e não no verbo.. Ex.: *Considero os réus* [*culpados*].

Perini (1995) propõe um novo sistema de classificação da transitividade, que difere da gramática tradicional (escolar) e da visão de Castilho. Sua proposta fundamenta-se na existência de verbos exclusivamente transitivos, isto é, que exigem OD, aos quais o autor representa pelo traço [Ex-OD] ("exige OD"), como o verbo *fazer*; de verbos exclusivamente intransitivos, isto é, que recusam OD (Rec-OD), como o verbo *nascer;* e de verbos que aceitam livremente OD (L-OD), como o verbo *comer*.

Na perspectiva descritiva desse gramático, o sistema por ele proposto elimina a incompletude do modelo tradicional de transitividade, apresentado no item a) desta aula, porque a ele acrescenta o tipo de verbo (L-OD), desfazendo, desse modo, a oposição entre transitividade e intransitividade. Vale ressaltar que, segundo Barros (1992/93, apud Perini, 1995), 58,9% dos verbos em português são do tipo (L-OD), 31% são (Ex-OD) e apenas 9,6% são (Rec-OD). Passemos ao segundo problema relativo à transitividade:

b) Incompletude na atribuição de funções gramaticais para o estabelecimento da transitividade → como acabamos de analisar, o sistema binário

e opositivo da gramática tradicional, no qual os verbos são transitivos ou intransitivos conforme exijam ou recusem objeto, resulta na atribuição das seguintes funções relevantes a eles relacionadas: objeto direto, objeto indireto e predicativo do sujeito. Entretanto, na classificação ternária proposta por Perini (1995) → (Ex-OD), (Rec-OD) e (L-OD), tais funções da gramática tradicional revelam-se inadequadas e incompletas. Nesse sentido, Perini postula a ocorrência de quatro funções relevantes em português sobre a transitividade, a saber: objeto direto (OD), complemento do predicado (CP), predicativo (Pv) e adjunto circunstancial (AC), que passamos a discutir.

FUNÇÕES SINTÁTICAS DOS VERBOS QUANTO À TRANSITIVIDADE

Como vimos, a gramática tradicional considera apenas três funções sintáticas dos verbos quanto à transitividade: objeto direto, objeto indireto e predicativo do sujeito. A partir de agora, você vai estudar cada uma das quatro funções sintáticas dos verbos quanto à transitividade, segundo a descrição gramatical proposta por Perini (1995).

a) Objeto Direto (OD)

Para compreender melhor a análise das funções sintáticas nesse modelo, é importante reconhecer que os constituintes de uma oração apresentam propriedades ou ausência delas na oração. A presença de determinada propriedade de uma função constitui um traço do constituinte na oração, representado pelo sinal + (elemento marcado). Ao contrário, havendo ausência de uma propriedade, ela é representada pelo sinal – (elemento não marcado). Vamos analisar a função objeto direto na oração:

(4) Meus amigos beberam a cerveja.

Tradicionalmente, a função sintática do sintagma a *cerveja* é a de objeto direto. Contudo, é preciso verificar quais as propriedades sintáticas desse constituinte que servirão de base para melhor classificá-lo na função de OD. Primeiramente, observamos a existência de uma oração correspondente a (4), na qual o constituinte *a cerveja* pode ser anteposto ao sujeito da oração:

(4a) A cerveja, meus amigos beberam.

Nesse sentido, o constituinte *a cerveja* "aceita anteposição" na oração, representada por [+ Ant], que constitui, portanto, um traço de OD.

Contrariamente ao constituinte *meus amigos*, cuja função é a de sujeito dessa oração, pois está em concordância com *beberam*, que é núcleo do predicado (NdP) das frases (4) e (4a), representado pelo traço (+CV) "estar

em concordância verbal", o constituinte *a cerveja* por ser OD é um elemento que não está em concordância com o verbo *beberam*. Eis mais uma propriedade de OD, representada por (- CV). Observe que qualquer alteração no constituinte *a cerveja* não afeta a forma do verbo:

(5) a) Meus amigos beberam a cerveja.
b) Meus amigos beberam as cervejas.
c) Meu amigo bebeu a cerveja.
d) Meu amigo bebeu as cervejas.

Até agora, o conjunto de traços [- CV, + Ant] distingue respectivamente o objeto direto (OD) da função sujeito, cujo traço é [+CV] e do predicativo do objeto, cujo traço é [- Ant]. Com relação à distinção entre o objeto direto e o predicativo do objeto, observe que na frase (5) *Meus amigos acharam a cerveja amarga*, *o predicativo do objeto amarga* não aceita anteposição em (6) * *Amarga, meus amigos acharam a cerveja*, por isso representamos por [-Ant].

Na continuidade da descrição de OD, temos de distingui-lo da função adjunto adverbial. Nesse caso, o traço que realiza essa distinção se baseia na seguinte observação: certos elementos da oração podem ser retomados por pergunta com o elemento *que* ou o *que* ou ainda *quem*. Para tanto, estabelecemos o seguinte diálogo:

(7) a – O que meus amigos beberam?
b- Meus amigos beberam a cerveja.

Agora, observe outro diálogo, a partir de (8) *Meus amigos bebem frequentemente*:

(9) a – O que meus amigos bebem?
b – Meus amigos bebem frequentemente.

Quais as diferenças entre os pares (7a) — (7b) e (9a) – (9b)? Primeiramente, precisamos relembrar que o verbo *beber* é (L-OD), isto é, aceita livremente OD, funcionando transitivamente no primeiro par, e intransitivamente no segundo par. Outro aspecto a ser observado é a adequação da resposta na frase (7b), na qual o constituinte a cerveja pode ser retomado pelo elemento o que presente em (7a), e a inadequação da resposta na frase (9b), na qual o constituinte frequentemente não pode ser retomado pelo elemento *o que* presente em (9a).

Assim, em (7b), o elemento marcado *a cerveja* é representado por [+Q], que significa "pode ser retomado por que (o que ou quem)". Já, o constituinte *frequentemente* não pode ser retomado por *que (o que ou quem)*, sendo representado como elemento não marcado [- Q].

Finalmente, o constituinte *a cerveja* em (4) e (4a) não apresenta concordância nominal com o sujeito meus amigos. Logo, a função OD não possui esse traço de concordância. Assim, podemos acrescer mais um traço distintivo do objeto direto (OD) em relação aos verbos de ligação, cujos complementos apresentam o traço da concordância nominal em relação ao sujeito, dos quais trataremos no próximo tópico desta aula. A notação desse traço em OD é [- CN].

Em síntese, o conjunto de traços de OD pode ser assim representado:

OD → [-CV], [+Ant], [+Q], [-CN]

2b) Complemento do predicado (CP)
Observe a frase (10):

(10) Carmelita é faxineira.

O constituinte *faxineira* é tradicionalmente analisado como predicativo do sujeito. Contudo, Perini o analisa como complemento do predicado (CP), uma vez que a descrição do autor busca comparar e diferenciar sintaticamente OD de realizações como (10), cuja distinção se dá apenas no traço da concordância nominal (CN), havendo, nos demais traços, identidade.

Em construções com o verbo *ser*, o constituinte CP concorda com o sujeito, desde que formado por um item passível de concordância nominal, como em (10) *Carmelita é faxineira*, em que o constituinte *faxineira* está em concordância nominal com o sujeito *Carmelita*. O mesmo não ocorre com (4) *Meus amigos beberam a cerveja,* em que o constituinte a cerveja não está em concordância nominal com o sujeito *meus amigos*.

Sintaticamente, a diferença entre o objeto direto (OD) e o complemento do predicado (CP) é assim representada:

OD→ [-CV], [+Ant], [+Q], [-CN]

CP → [-CV], [+ Ant],[+ Q], [+ CN]

Observe a aplicação do conjunto de traços em (10)
- [-CV] o complemento do predicado (CP) não está em concordância verbal com o NdP, pois o CP permanece inalterado nos casos de alteração do NdP, como em:

(11) a - Eu sou faxineira.
b – Ela é faxineira.

- [+ Ant] o constituinte *faxineira* é passível de anteposição, como em:

(12) a. Faxineira, ela é.
b. Faxineira, eu sou.

- [+Q] o constituinte *faxineira* pode ser retomado no diálogo com que, o que ou quem, como em:

(12) a. —Ela é o quê?
b.— Ela é faxineira.

- [+CN] o constituinte *faxineira* está em concordância nominal com o sujeito, como em:

(13) a. Ela é faxineira.
b. Elas são faxineiras.
c. Ele é faxineiro.

Segundo Perini (1995), os verbos que admitem CP são relativamente poucos: *ser, estar, continuar, ficar, virar, permanecer, chamar-se, tornar-se, sentir-se.*

2c) Predicativo (Pv)

O Predicativo (Pv) pode ser definido a partir dos quatro traços já definidos. Observe a frase (14):

(14) Eu achei o filme péssimo.

O constituinte *péssimo* em (14) desempenha a função de predicativo (Pv), cujos traços são:

Pv → [-CV], [-Ant], [+Q], [+CN]

Ao definir a função acima, Perini (1995) também assinala a função atributo, que se diferencia do predicativo pelos traços de anteposição (Ant) e de retomada do constituinte *por que, o que ou quem* (Q), como em:

(15) Paulo olhou indignado.

constituinte *indignado* é um atributo, cujos traços são:

Atributo → [-CV], [+Ant], [-Q], [+CN]

2d) Adjunto circunstancial (AC)
Observe as frases:

(16) Carlos reclama frequentemente.
(17) Miriam saldou a dívida totalmente.
(18) Aquele policial, certamente, é um grosseirão.
(19) Ezequiel come muito.

Uma análise tradicional atribui a função de adjunto adverbial aos *constituintes frequentemente, totalmente, certamente, muito.* Mas, uma análise mais apurada resulta em três funções diferentes, pois somente em (17) o constituinte *totalmente* é adjunto adverbial (AA).

Em (16), o constituinte *frequentemente* é um atributo, pois não está em concordância com o verbo [-CV]; aceita anteposição, como *Frequentemente*, Carlos reclama [+ Ant]; a pergunta a) O que Carlos reclama? não retoma o constituinte *frequentemente* na resposta b) Carlos reclama *frequentemente* [-Q]. Finalmente, o traço [CN] pode ser observado em certos casos. Em particular, a palavra *frequentemente* é invariável, mas se a substituirmos por exemplo, pela palavra *insatisfeito*, constatamos que se trata de um atributo, pois *insatisfeito* está em concordância nominal com o sujeito *Carlos*.

Em (17), o constituinte *totalmente* desempenha a função de adjunto adverbial (AA) e define-se pelos traços [-CV], [-Ant], [-Q], [-CN], pois não está em concordância com o verbo [- CV]; não admite anteposição, como * *Totalmente, Miriam saldou a dívida* [- Ant]; a pergunta a) O que Míriam saldou? não retoma o constituinte *totalmente* na resposta b) *Miriam saldou a dívida totalmente, mas sim o constituinte a dívida [-Q]; a palavra totalmente* é invariável, portanto não está em relação de concordância nominal com o sujeito [-CN]. Finalmente, há duas inserções de traços, a saber: o da clivagem [Cl], que, como vimos na Aula1, consiste em colocar em evidência um elemento com o auxílio do verbo *ser* mais *que*. No caso de (17), há clivagem em *Foi Maria que saldou a dívida totalmente* [+Cl]; e, por último, a inserção de um novo traço posição do auxiliar [PA], que exprime a propriedade de ocorrer entre o sujeito e o Núcleo do Predicado (NdP). Em (17), não é possível a realização *Miriam totalmente saldou a dívida* [-PA].

Assim, o conjunto de traços do adjunto adverbial é:

AA → [-CV], [-Ant], [-Q], [-CN], [+Cl], [-PA]

Em (18), o constituinte *certamente* desempenha a função de adjunto oracional (AO) e define-se pelos traços [-CV], [+Ant], [-Q], [- CN], [- Cl], [+PA], pois não está em concordância com o verbo [-CV]; admite anteposição, como *Certamente, aquele policial é um grosseirão*; a pergunta a) *O que*

aquele policial é? não retoma o constituinte *certamente* na resposta b) *Aquele policial, certamente, é um grosseirão*, mas sim o constituinte um grosseirão [-Q]; a palavra *certamente* é invariável, portanto não está em relação de concordância nominal com o sujeito [-CN]; não é possível a clivagem * *Foi certamente que aquele policial é um grosseirão* [-Cl]; é possível a posição entre sujeito e verbo, assim construída em (18) [+PA].

Em (19), o constituinte *muito* desempenha a função de adjunto circunstancial (AC) relativa à transitividade e define-se pelos traços [-CV], [+ Ant], [-Q], [+Cl], [-CN], [-PA], pois não está em concordância com o verbo [-CV]; admite anteposição, como *Muito, Ezequiel come* [+ Ant]; a pergunta a) *O que Ezequiel come*? não retoma o constituinte muito na resposta b) Ezequiel come muito [-Q]; é possível a clivagem *É muito que Ezequiel come* [+Cl]; não está em concordância nominal com o sujeito [-CN]; não é possível a posição entre sujeito e verbo [-PA].

Assim, o conjunto de traços do adjunto adverbial é:

AA → [-CV], [-Ant], [-Q], [-CN], [+Cl], [-PA]

Em (18), o constituinte *certamente* desempenha a função de adjunto oracional (AO) e define-se pelos traços [-CV], [+Ant], [-Q], [- CN], [- Cl], [+PA], pois não está em concordância com o verbo [-CV]; admite anteposição, como *Certamente, aquele policial é um grosseirão*; a pergunta a) *O que aquele policial é*? não retoma o constituinte certamente na resposta b) *Aquele policial, certamente, é um grosseirão*, mas sim o constituinte um grosseirão [-Q]; a palavra *certamente* é invariável, portanto não está em relação de concordância nominal com o sujeito [-CN]; não é possível a clivagem * *Foi certamente que aquele policial é um grosseirão* [-Cl]; é possível a posição entre sujeito e verbo, assim construída em (18) [+PA].

Em (19), o constituinte *muito* desempenha a função de adjunto circunstancial (AC) relativa à transitividade e define-se pelos traços [-CV], [+ Ant], [-Q], [+Cl], [-CN], [-PA], pois não está em concordância com o verbo [-CV]; admite anteposição, como *Muito, Ezequiel come* [+ Ant]; a pergunta a) O que Ezequiel come? não retoma o constituinte *muito* na resposta b) *Ezequiel come muito* [-Q]; é possível a clivagem *É muito que Ezequiel come* [+Cl]; não está em concordância nominal com o sujeito [-CN]; não é possível a posição entre sujeito e verbo [-PA].

AC → [-CV], [+Ant], [-Q], [+Cl], [-CN], [-PA]

MATRIZES DE TRANSITIVIDADE VERBAL DA LÍNGUA PORTUGUESA

De acordo com as propostas de reformulação da descrição de verbos quanto à transitividade, os cinco tipos de verbos - transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto, intransitivo e de ligação - propostos pela gramática tradicional desdobram-se, conforme Perini (1995: 16), em onze matrizes, a saber:

I. [L-OD, L-AC, Rec-Pv, Rec-CP]: comer
II. [Ex-OD, L-AC, Rec-Pv, Rec-CP]: encontrar
III. [Rec-OD, L-AC, Rec-Pv, Rec-CP]: acontecer
IV. [Rec-OD, Ex-AC, Rec-Pv, Rec-CP]: morar
V. [Ex-OD, Ex-AC, Rec-Pv, Rec-CP]: acostumar
VI. [Ex-OD, L-AC, L-Pv, Rec-CP]: considerar
VII. [L-OD, L-AC, L-Pv, L-CP]: julgar
VIII. [L-OD, L-AC, Rec-Pv, L-CP]: permanecer
IX. [Ex –(OD ou AC), Rec-Pv, Rec-CP]: lembrar
X. [Ex –(CP ou AC), Rec-OD, Rec-Pv]: estar
XI. [Ex –(CP ou Pv), Ex-OD, L-AC]: sentir

CONCLUSÃO

A análise do sistema de transitividade do português proposta nessa aula é, sem dúvida, mais complexa que a classificação tradicional, visto que o sistema passa a ter quatro funções sintáticas (OD, AC, CP, Pv) e, para cada uma delas, três possibilidades (Ex, Rec, L), que nos possibilitam onze maneiras de exprimir a transitividade de um verbo. Essas onze matrizes dão conta de descrever a transitividade de todos os verbos da língua portuguesa, ao passo que os cinco tipos tradicionais deixam de fora a maioria dos verbos que aceitam livremente o OD.

RESUMO

Nesta aula, você aprendeu que não existem em Português apenas verbos que exigem OD (transitivo) e verbos que recusam OD (intransitivo), mas há em maior profusão os verbos que aceitam livremente OD. Nesse sentido, o sistema de classificação da transitividade verbal proposto opera com esse terceiro traço dos verbos, representado por [L-OD]. Os complementos verbais, mediante o novo sistema de classificação ternária (Ex, Rec, L), definem-se

por quatro funções sintáticas (OD, CP, Pv, AC). A combinatória desse sistema e das funções gera uma matriz de onze tipos de transitividade verbal em Português, contrariando os cinco tipos propostos pela gramática tradicional.

ATIVIDADES

1. Identifique as funções sintáticas (OD, CP, Pv, AC) de cada um dos termos grifados nas seguintes orações, descrevendo seus traços:
a) O bombeiro sentiu cheiro de gás.
b) A costureira fez um vestido.
c) João viu Maria ontem.
d) O dia continua chuvoso.
e) Assustado, o menino cuspiu a bala.

2. Identifique e transcreva as matrizes dos verbos das orações da questão anterior.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Para orientá-lo na resolução das questões 1 e 2, apresentamos este modelo:

Flávio permaneceu calado.
QUESTÃO 1: Função sintática de *calado* : 1) não está em concordância verbal com o NdP, pois o CP permanece inalterado nos casos de alteração do NdP, como em: *Eu permaneci calado*. [-CV]; 2) é passível de anteposição, como em: *Calado, Flávio permaneceu*. [+ Ant]; 3) pode ser retomado no diálogo com *que*, *o que* ou *quem*, como em: -- *Flávio permaneceu o quê*? --- *Flávio permaneceu calado*. [+Q]; 4) está em concordância nominal com o sujeito, como em: *Eles permaneceram calados*. [+CN]. A função do constituinte *calado* na frase é Complemento do Predicado (CP).

QUESTÃO 2: A matriz de transitividade do verbo *ww* é: [L-OD, L-AC, Rec-Pv, L-CP]

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2010.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1995.